

LAÍS ANGÉLICA VENTURINI

PSICOLOGIA DO ENVELHECIMENTO: PERDAS E LUTO

Santa Rosa, dezembro de 2015.

**UNIVERSIDADE REGIONAL DO NOROESTE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO
SUL**

**DHE- DEPARTAMENTO DE HUMANIDADES E EDUCAÇÃO
CURSO DE PSICOLOGIA**

PSICOLOGIA DO ENVELHECIMENTO: PERDAS E LUTO

LAÍS ANGÉLICA VENTURINI

ORIENTADOR (A): ANGELA MARIA SCHNEIDER DRÜGG

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial ao curso de Psicologia da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUI, para obtenção do título de Bacharel em Psicologia. Departamento de Humanidades e Educação – DHE.

Santa Rosa, dezembro de 2015.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho especialmente ao meu vózinho, Luiz, o qual me serviu de inspiração na escolha do tema de pesquisa.

Acompanhei-o desde o meu nascimento até o seu último suspiro, sendo sempre a “neta preferida”. Embora partiste cedo, fostes o meu melhor exemplo de envelhecimento.

Com sua paciência infinita, sorriso sincero e carinho de avô, envelheceu, sofrendo com as dores, fraqueza e impasses da idade, acabando por depender de uma cadeira de rodas. As inúmeras perdas também o afetaram psiquicamente, mas nada fez com que os seus dias fossem abalados ou amargurados. A vida, para ele, “estava tudo bem”.

Ainda enlutada, escrevo esta dedicatória com o coração apertado, mas com o sentimento de dever cumprido. Eu dei o meu melhor. As trocas de fraldas ou sustos durante a madrugada, ao ouvir o barulho dos tombos, não me causaram nenhum constrangimento ou sofrimento. Pelo contrário, sinto-me orgulhosa de poder ter feito tudo isso com muito amor.

AGRADECIMENTO

Primeiramente, aos meus exemplos, meus educadores, meus amores eternos, meus pais. Meu pai Ivacir, por não medir esforços para manter-me financeiramente neste período acadêmico, emprestar o seu carro quando mais precisava, pelos nãos e ralhadas nos erros cometidos e por ser esse pai tão carinhoso e protetor. E à minha mãe, Rose, agradeço ao ombro de mãe, amiga, confidente e compreensiva. Obrigada! Sem vocês eu não chegaria até aqui.

À minha espetacular orientadora, Mestre Angela Drugg, da qual sinto orgulho em tê-la como professora neste percurso acadêmico.

Ao meu namorado, Adriano, por manter a calma e paciência nos momentos estressantes, angustiantes e de ansiedade, oriundos da faculdade.

Aos meus colegas, amigos, familiares e demais pessoas que contribuíram para o meu crescimento profissional.

Eternamente, a minha gratidão!

RESUMO

O presente trabalho aborda as questões do envelhecimento e seus processos psíquicos. No primeiro capítulo, aborda-se a velhice em diferentes culturas para em seguida analisar o envelhecimento na contemporaneidade. No segundo capítulo, busca-se realizar o estudo dos processos psíquicos envolvidos no envelhecimento, finalizando com um breve estudo sobre o luto, isto é, sobre as perdas que o envelhecimento comporta em seu percurso.

Palavras chaves: envelhecimento- perdas- processos psíquicos.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| INTRODUÇÃO | 7 |
| 1. O ENVELHECIMENTO NO CONTEXTO DA CONTEMPORANEIDADE | 8 |
| 2. OS PROCESSOS PSÍQUICOS DO ENVELHECIMENTO | 18 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 28 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 30 |

INTRODUÇÃO

A constituição psíquica do sujeito inicia-se antes mesmo do pequeno ser nascer. Ao nascer, inicia-se a infância e a partir de então, a constituição psíquica do sujeito passa a desenvolver-se em processos e fases. A adolescência, por exemplo, caracteriza-se pela busca da identidade e do reconhecimento social. Já a velhice, é marcada por diversas perdas corporais e psíquicas que precisam ser elaboradas. Neste trabalho, pretende-se refletir sobre este processo.

No primeiro capítulo, procura-se desenvolver uma pesquisa sobre o envelhecimento na contemporaneidade. Para melhor entendê-lo, faz-se inicialmente um percurso sobre o envelhecimento em diversas culturas, ao longo de diferentes períodos históricos e sociais.

O segundo capítulo visa o estudo do envelhecimento e seus processos psíquicos, desencadeados pelas perdas fisiológicas e psíquicas no sujeito. Ao envelhecer, o corpo começa a decrepitar, amigos próximos falecem, a morte começa a ficar mais próxima, e outras perdas começam a aparecer com mais frequência. Essas perdas demandam um trabalho de luto, que precisa ser elaborado e atravessado para que o sujeito possa envelhecer e não sofrer tanto nessa fase de sua vida.

Devido ao crescente aumento de pessoas idosas, o tema instiga a pesquisar sobre o assunto, para aprimorar os conhecimentos dos futuros profissionais em psicologia. Espera-se que este trabalho possa também aprimorar os conhecimentos das pessoas que por ele se interessarem. O trabalho será embasado no referencial teórico psicanalítico, e também em autores da área da história, da sociologia e da antropologia que trabalham e escrevem sobre o envelhecimento.

1. O ENVELHECIMENTO NO CONTEXTO DA CONTEMPORANEIDADE

O envelhecimento está presente na vida de todos os seres, em seus cotidianos. Faz parte de cada sujeito atingindo-o de forma orgânica e psicológica. Em termos gerais, é um processo que acompanha a vida desde o nascimento até a morte. Dessa forma, com este capítulo, busca-se a compreensão do que é a velhice em diferentes culturas, enfatizando o contexto da contemporaneidade.

Hoje, pensar em envelhecimento remete a algumas questões. Primeiramente, o adiamento da constatação de ser idoso aos 60 anos de idade, pois, no contexto em que vivemos, o sujeito que está nessa idade não se enquadra nos parâmetros de idoso. A longevidade está à mercê de nossas vidas. O avanço da ciência está proporcionando um aumento de vida aos sujeitos, fazendo com que estes consigam atingir uma média significativa de vida, sendo, portanto, difícil determinar um conceito de velhice a partir somente do critério idade.

A qualidade de vida que se encontra na contemporaneidade é positiva, se comparada com algumas décadas atrás. Por exemplo, minha avó está velha aos 76 anos de idade, apresentando doenças cardiorrespiratórias, vasculares e psíquicas. Tem vivenciado perdas significativas, sendo elas, o distanciamento dos filhos, a morte do cônjuge, a morte das amigas, a diminuição da memória, da visão, entre outras. A juventude de hoje, provavelmente vivenciará essas perdas com uma idade acima dos 76 anos e para justificar isso, podemos utilizar o exemplo do casamento, que nas décadas passadas ocorria aos 20 anos de idade, aproximadamente, sendo hoje, vivenciado aos 30 anos. Com 50 anos, nossos avós já sofriam a perda dos filhos para seus netos, atualmente, nesta idade, os pais ainda estão na expectativa de dar aos seus filhos uma educação de ótima qualidade. A evolução de idades, na contemporaneidade, é visível e clara, em termos gerais.

A gerontologia, que é o estudo do processo do envelhecimento, traz dois conceitos sobre o mesmo: senescência e senilidade. A psicanalista e autora Angela Mucida (2014) distingue ambos os conceitos sendo o primeiro um processo fisiológico inelutável do organismo que acarreta modificações precisas, associadas a uma redução de todas as funções sem provocar doenças. Já o segundo, senilidade, refere-se às patologias do envelhecimento.

A velhice, segundo Mucida (2014) é definida sob o âmbito das perdas, das reduções de memória, do juízo crítico, com diminuição da capacidade intelectual e do raciocínio lógico, afetando, assim, a vida social e afetiva do idoso.

Hervy (2001) citado por Mucida (2014), diz que o envelhecimento é um processo que impõe uma tomada de posição, e cada sujeito responderá a partir de suas capacidades de reserva nas dimensões fisiológicas, psicológicas e sociais. Ou seja, as patologias do envelhecimento (senilidade) estão associadas a essas reservas que o idoso faz ao longo da vida. Para a medicina, a alimentação, exercícios, cuidados com a reposição de vitaminas, hábitos de vida mais saudáveis podem contribuir para um envelhecimento sadio.

Beauvoir (1990) afirma que a expectativa de vida não parou de crescer mundialmente, nessas últimas décadas. Em seu escrito sobre a velhice, traz dados da França:

No século XVIII, a expectativa de vida na França era de 30 anos. Durante longos séculos, a proporção dos indivíduos de mais de 60 anos variou muito pouco: em torno de 8,8%. O envelhecimento da população começou, na França, no fim do século XVIII, e um pouco mais tarde, o mesmo fenômeno produziu-se em outros países. Em 1851, havia na França 10% de pessoas idosas de mais de 60 anos; há agora perto de 18%. (...) A partir do século XVIII, a proporção dos velhos na população dobrou (BEAVOUIR, 1990, p.271).

Através do aumento significativo de idosos, a autora esclarece que o envelhecimento da população não significa que o limite de vida tenha se estendido, mas que a proporção de idosos é muito mais considerável. Antes o papel que o sujeito exercia na sociedade coincidia com a sua profissão. O trabalhador vivia no local de seu trabalho, confundindo, de certa forma, as tarefas produtivas com as

tarefas domésticas, podendo adaptar-se às atividades conforme as suas possibilidades. Ao se tornar totalmente incapaz, o sujeito tinha a sua subsistência garantida pela família, da qual vivia e fazia parte.

Atualmente, o trabalhador mora longe de seu ambiente de trabalho e a subsistência da família fica à margem das suas atividades produtivas. Reduzida a um ou dois casais, as famílias de hoje, com filhos ainda incapazes de seu sustento, têm dificuldade para garantir o sustento dos seus velhos genitores em virtude de seu baixo recurso econômico. Além disso, o sujeito está condenado à inatividade muito mais cedo, não perdendo sua qualificação, mas sendo desclassificado pela incapacidade e agilidade na função que lhe era designada, perdendo o espaço para novos profissionais, mais ágeis, novos e eficazes.

Como traz Beauvoir (1990), ao ser expulso de seu emprego, no fim do século XIX, o velho trabalhador estava abandonado à própria sorte, provocando a coletividade para que esta se encarregasse do problema. Surge, então, a aposentadoria, sendo, em princípio, uma pensão concebida como recompensa.

Nas sociedades primitivas, a velhice tinha um significado diferenciado. Para contrapor essa ideia, Simone de Beauvoir abrange, em seu escrito, a condição da velhice em diferentes sociedades.

Algumas culturas tratam a velhice de maneira impiedosa, enquanto outras, apesar da carência e dificuldades de sobrevivência em que se encontram, bem como o medo do desgaste e da morte que enfrentam, tratam-na de forma respeitosa. Beauvoir (1986, p.58) destaca que “quando o clima é duro, as circunstâncias difíceis, os recursos insuficientes, a velhice dos homens assemelha-se muitas vezes a dos bichos”. Significando, tal citação, que, em algumas organizações sociais, os velhos são despojados de todo e qualquer direito, e, na maioria das vezes, abandonados à própria morte.

Segundo Mucida (2014), nos povos iacultos, os velhos eram abandonados à própria sorte, expulsos da coletividade, ou escravizados pelos seus filhos, que os espancavam e faziam trabalhar até a morte. Criados sob forte tirania, os iacultos

jovens, ao perceber que seus patriarcas estavam perdendo as forças, vingavam-se dos maus tratos recebidos deixando-os em qualquer canto sem nenhum sentimento de piedade.

Os povos ainos, do Japão, vivem sob um regime de carência muito forte, sem templos, sem ritos, sobrevivendo à base de peixe e passando muito frio, tendo como sua principal diversão embriagar-se, assemelham-se aos povos iacultos, não dando importância aos velhos. Em ambas as culturas, os pais criam seus filhos com pouco cuidado e sem afeto. Quando ficam velhos, os jovens abandonam seus pais, deixando-os morrer à míngua.

Os esquimós de Angmassalik, na Groelândia, os Chukchees da Sibéria e os bosquimonos da África do Sul cultuam o costume de abandonar os idosos em uma cabana, longe da aldeia, para morrerem. Os esquimós geralmente trancam os velhos em iglus, deixando-os morrer de frio.

Em contrapartida, Beauvoir coloca que a maior parte das sociedades primitivas não deixa seus velhos morrerem como bichos. Os mongóis, especialmente os aleútes, respeitam os idosos e os tratam com extrema importância. Há, entre eles, reciprocidade no amor entre pais e filhos.

Koriaks, chukchees, incas e outras comunidades pobres também são bastante rudimentares e com suas relações estreitas, as propriedades são distribuídas pelos idosos e são eles que comandam as tribos. Conforme Beauvoir (1986), os yahgans, que vivem na Terra do Fogo, são os povos mais primitivos conhecidos, não usam utensílios e vivem seu dia a dia sem previsões, nem jogos, nem cerimônias, nem religiões, apenas admitindo um poder supremo aos xamãs. Apesar de serem nômades, vivendo em precariedade e passando fome, as crianças são bem tratadas e esse amor prevalece quando se trata de relacionar-se com os mais velhos, que acabam tendo prioridades ao se servirem nas refeições e na escolha dos lugares na cabana, como diz Mucida (2014, p.65), “permanecendo a valorização do saber adquirido”.

O povo da ilha de Bali, na Indonésia, cultiva os mais diferenciados alimentos e é rico em expressões artísticas, entre algumas, a dança e a poesia. É um povo de cultura arcaica, em que os idosos têm, na sociedade, um lugar especial e o respeito é rigoroso aos seus senis. Essa população tem característica trabalhadora, pois se a saúde e o corpo estão em boas condições, permanecem laborando até a morte.

A partir da leitura de Beauvoir (1986), Mucida (2014) refere que nas sociedades mais ricas os idosos têm mais condições de subsistirem, se comparadas com as mais pobres, assim como há diferenças positivas nas sociedades sedentárias se comparadas com as sociedades nômades. Como a autora afirma, “em geral, a boa relação entre pais e filhos determina, depois, uma boa relação entre os mesmos e os idosos”.

Segundo Mucida (2014), “em sociedades nas quais a organização é mais complexa, o papel do idoso torna-se também mais complexo e diferenciado”. Na cultura dos arandas, habitantes das florestas da Austrália, as crianças, quando nascem com defeitos físicos, ou quando as mães não conseguem alimentá-las, são tratadas generosamente, apesar de ser uma cultura com infanticídio. Os idosos, por sua vez, ficam como responsáveis de transmitir as experiências já acumuladas, pois, como escreve a autora, várias habilidades que são necessárias para a sobrevivência nessa cultura, só são adquiridas com o tempo de vida. As tradições sagradas da magia, dos ritos e das cerimônias tribais também são valorizadas com o passar dos anos, bem como acreditam que a imunidade, o poder mágico, a sabedoria e os poderes sobrenaturais maléficos crescem com o aumento da idade. Quanto mais velho o sujeito for, mais perto estará do além e, portanto, da mediação entre o mundo dos vivos e dos mortos, escolhido também para exercer o papel religioso.

Simplifico, nas palavras de Mucida (2014):

Nas comunidades nas quais a arte, a religião, a magia e o saber triunfam, triunfa no geral o poder dos mais velhos. Se existe na velhice uma suposição de saber, existe, concomitantemente, um tratamento respeitoso à mesma. Da mesma forma se a morte é vista como uma boa e necessária passagem para uma vida mais evolutiva, o idoso, como mais próximo cronologicamente da morte, tem um papel social importante (p. 66).

Nas ilhas da Polinésia, os poderes que os idosos conquistavam pela idade eram temidos pelas outras pessoas e, também, ameaçava-os. Nessa cultura, os adultos comiam os velhos como forma de captar sua sabedoria e impedi-los de utilizar de seus poderes de feitiçaria.

Como coloca Mucida (2014), em outras culturas, os poderes que os velhos tinham contra as forças do mal eram benéficos, pois podiam comer algumas coisas antes proibidas, tocar em objetos sagrados, além de serem considerados mais inteligentes e sábios ao tratar de questões de outro mundo.

Como se vê, cada cultura é dona de uma tradição diferenciada, apesar de todas estarem acopladas com a morte e o morrer.

Na China antiga, a base era a família e a obediência era destinada aos mais velhos, pois nessa cultura, a experiência tinha mais valor que a força. Depois de atingidos 60 anos de idade, o sujeito teria o direito de libertar-se do corpo pelo êxtase e tornar-se santo. A velhice era uma virtude.

Outros escritos trazem a velhice como uma lástima. Segundo Mucida (2014, p. 68), "a velhice é descrita à pena da queda do desejo da decrepitude e da doença: todas as reduções são tratadas como perdas irreparáveis e o idoso como um morto que vive".

Na mitologia grega, alguns deuses, idosos, acabam por se tornarem mais cruéis e perversos, outros associam a idade com a sabedoria. Tirésias é o exemplo. Na Grécia antiga, *Gera* e *géron* significam o privilégio da idade avançada, onde o sujeito tem o direito à ancianidade e à delegação de poderes. Homero também associa a velhice ao conceito de sabedoria. Porém, nas cidades antigas encontra-se o horror ao envelhecimento, que é caracterizado, cantado em prosa e verso, como perda de força física, mudanças da imagem e perda de poderes.

Na Idade Média, a misoginia estava em evidência, principalmente com as mulheres idosas. O ódio ou aversão às mulheres, nessa época, fazia parte do cenário cultural.

Mas, o conceito de velhice só surge após a revolução industrial para os ricos, privilegiados, uma vez que as pessoas de classes mais pobres raramente atingiam idade mais avançada.

Conforme Mucida (2014), “entre o horror, a decrepitude e o sagrado, a velhice vai sendo vestida por diferentes tecidos, alguns que a cobrem de um luto interminável e sofrível, outros pelos quais o sagrado e a experiência fazem valer as mudanças traçadas no corpo”, ou seja, há diversas visões e percepções sobre o sujeito idoso, não desconsiderando ou enfatizando uma em especial. Mesmo assim, nessas culturas permanece o temor e o terror do que a velhice representa. Como a autora escreve, “a castração em suas variantes - perda do vigor sexual da força, da beleza, da agilidade enfim, do poder fálico em seus diferentes matizes” (MUCIDA, 2014, p.70).

Ainda, segundo a autora, quanto mais a cultura amarrar-se ao corpo e às demonstrações fálicas, mais a velhice estará representando um palco de sofrimento para o sujeito que o vivencia.

Historicamente, a velhice vai tendo diversas representações, entre elas, horror e decadência ligados à decrepitude do corpo, aproximação da morte, desaparecimento da condição desejante e, no oposto, representações referidas a um acúmulo de saber e virtudes adquiridas com o tempo. Algumas dessas ideias são atribuídas ao luto interminável pelo que o sujeito está a perder, ou então podem dar a ideia de que as experiências, o saber e a longevidade fazem as mudanças que ocorrem no corpo valerem a pena. Quanto mais ligadas ao corpo forem as representações que sustentam o social, mais difícil será para este que envelhece poder encontrar um lugar de legitimidade do seu desejo, permitindo-lhe simbolizar o seu envelhecimento, sem necessariamente sofrer com esse processo.

Messina (2003) questiona sobre as possibilidades de representações do corpo dos idosos, nesses tempos em que os valores simbólicos já não são mais valorizados se comparados com a valorização da imagem, que se faz importante na constituição da subjetividade dos sujeitos.

Dessa forma, é possível perceber certa dificuldade que os sujeitos encontram para responder as representações que permeiam o social na atualidade. Na velhice, o sujeito não tem mais uma velocidade significativa para dar conta da rapidez da modernidade. Os ideais de imortalidade, beleza, agilidade, que estão propostos pela contemporaneidade, são difíceis de serem respondidos pelo velho, justamente pelas particularidades de funcionamento pulsional que ele possui.

Segundo Hermann (2013):

Em um contexto no qual a lógica capitalista da produtividade se faz presente, o velho, por esgotar sua capacidade de produção, passa a ocupar um não lugar ou, então, a sua diferença o impulsiona para a exclusão social. Sua condição é a de fragilidade – em diversos níveis, tais como fragilidade econômica, fragilidade biológica-, além da falta de atribuição de valores culturais ou de posse de um saber sobre a tradição humana, transmissível às novas gerações, o que faz dele mais um encargo social do que um patrimônio vivo. Falta-lhe também projeção para o futuro. Ao que lhe é imposto, resta somente se deparar com a finitude (p.6).

Na atualidade, as ideias e correntes de pensamentos se alternam com uma velocidade avançada, e conforme traz Bobbio (1997), o velho não consegue dar conta dessa velocidade, pois demandaria algo que a lentidão de seus movimentos, corpo e mente, não conseguiriam responder. O autor ressalta que o velho lidaria com esta angústia, buscando recursos nas suas lembranças. Cito:

O tempo do velho, repito ainda uma vez, é o passado. E o passado revive na memória. O grande patrimônio do velho está no mundo maravilhoso da memória, fonte inesgotável de reflexões sobre nós mesmos, sobre o universo em que vivemos, sobre as pessoas e os acontecimentos que, ao longo do caminho, atraíram nossa atenção (BOBBIO, 1997, p.53).

Messina (2003) aponta a perda da função simbólica da velhice no contexto político e social atual, no qual impera a ausência do Estado de bem estar social.

Segundo ela:

Essa ausência produz um esvaziamento, bem como a falência de nossas instituições em nome de um neoliberalismo que, na verdade, só produz desigualdade, a exclusão, a violência, sem falar no empobrecimento do pensamento (MESSINA, 2003, p.2).

Envelhecer hoje, no sistema capitalista em que estamos inseridos, que coloca o acúmulo de bens como proposta para o sujeito contornar o seu desejo, não como necessidade e sim pelo valor imaginário que tem perante a sociedade de consumo, implicaria em acumular, durante a vida, não gastar e nem circular, para que possa “garantir a velhice”. Essa demanda de obter prazer através do consumo, como Messina refere, “se consome em sua própria instantaneidade e leva os sujeitos a uma fragmentação, impedindo-os de refletir sobre quem eles são e de se comprometer com seus desejos” (MESSINA, 2003, p.3).

Atualmente o envelhecimento tem sido associado a doenças e perdas, entendido como apenas um problema médico. Para alguns (as) autores (as) como Neri e Freire (2000), o envelhecimento é ligado à deterioração do corpo, ao declínio e à incapacidade. “Na base da rejeição ou da exaltação acrítica da velhice, existe uma forte associação entre esse evento do ciclo vital com a morte, com a doença, com o afastamento e com a dependência” (NERI; FREIRE, 2000, p. 8).

Para entender um pouco mais o envelhecimento da sociedade atual, podemos tomar como exemplo o fenômeno dos aparelhos celulares que, conforme Pacheco (2005):

Em poucos anos, eles se modificaram centenas de vezes. Desenhos modernos, bonitos e funcionais são criados para que as pessoas pareçam antenadas, jovens e bem-sucedidas. O medo da transformação que surge com a velhice assemelha-se um pouco ao fenômeno dos celulares. Tem-se medo de envelhecer como se tem receio de ser ridicularizado ao usar o aparelho antigo de dez anos, como os tijolões dos ‘tiozinhos’. O ser humano envelhecido é a nós apresentado, pela ideologia dominante, como o aparelho ultrapassado. Fala, mas ninguém quer! (p. 65).

Jerusalinsky (1996), em seu escrito sobre a psicologia do envelhecimento coloca oito traumas que estão enredados ao processo nomeando-os de Neuroses do Envelhecimento. O autor aborda esses acontecimentos, que, “mesmo não sendo previsíveis não ficam menos inesperados”. Essas manifestações traumáticas poderão não acontecer em uma ordem enumerada, mas certamente irão estremecer duramente a estrutura do sujeito. O próximo capítulo deste trabalho será desenvolvido especialmente para falar desses acontecimentos que percorrem a vida do sujeito, na velhice.

Sendo assim, o envelhecimento, por ser uma experiência individual, pode ser vivenciado de diversas formas, sendo elas negativas ou positivas. O contexto histórico de vida de cada pessoa e a representação de velhice da sociedade da qual ele faz parte irão contribuir, ou não, para que esse processo ocorra de forma significativa para a pessoa que o vivenciará.

2. OS PROCESSOS PSÍQUICOS DO ENVELHECIMENTO

O envelhecimento está presente na nossa vida desde o nascimento até a morte, pois a cada dia vivido é um dia envelhecido, sendo que a velhice é um momento específico dentro do período de vida.

Assim como a infância está marcada com diversos processos a serem desenvolvidos até o sujeito chegar à adolescência, e depois, da adolescência à idade adulta, chegando à velhice, também tem alguns processos psíquicos específicos para serem elaborados e desenvolvidos.

Na infância é que o sujeito inicia a sua constituição psíquica, que é, portanto, iniciada através de um Outro, sendo a mãe este Outro primordial, pois esta poderá suprir-lhe suas necessidades físicas e psíquicas, nos primeiros momentos, já que ainda não poderá fazê-lo sozinho. A mãe (ou a pessoa que se ocupa desta função) dará início à subjetividade do sujeito, inserindo-o no campo (simbólico) da linguagem, nomeando o corpo biológico e depositando um investimento libidinal neste pequeno ser que está a constituir-se psiquicamente.

Já na adolescência, o trabalho psíquico a ser realizado depende propriamente do sujeito. É um momento subjetivo onde todas as operações dadas na infância têm que operarem sozinhas. É o período que está entre a infância e a fase adulta. Além de ter de iniciar um reconhecimento social, o adolescente passará a procurar uma identificação com os demais pertencentes ao seu grupo social. Passando desta fase, chegará à fase adulta, onde terá outros processos psíquicos a serem realizados, assumindo, então, na maioria das vezes, a função subjetiva de ser pai ou mãe e chegando mais perto da velhice.

Na velhice, o sujeito tem um processo psíquico amplo e trabalhoso a ser realizado. Está chegando mais perto da morte, suas possibilidades de vida já não são mais de tantos anos, como em outras fases da sua vida e as perdas começam a

aparecer com mais frequência (rugos, resistência física e biológica, aposentadorias, mortes, entre outras).

Jerusalinsky (1996), em seu texto sobre a Psicologia do envelhecimento nos traz um trecho que representa a velhice:

Devaneios de juventude que levam o sujeito a supor (ou almejar) uma autonomia bem maior da que realmente possui, e até bem maior da que pode suportar.

Mas, de agora em diante, sua queixa ficará orientada por uma bússola. Se, até ali, suas lamentações apontavam para o enredo imaginário de seus fracassos amorosos, dos limites da fortuna, ou da falta de reconhecimento, a partir desse momento o corpo, de um modo completamente real, cobrará toda a sua presença. Dito de outro modo, terá razões para se queixar (p.2).

O autor fala desses acontecimentos, que, “mesmo não sendo previsíveis, não ficam menos inesperados” chamando-os de Neuroses do Envelhecimento. Estas manifestações traumáticas poderão não acontecer em uma ordem enumerada, mas certamente irão estremecer duramente a estrutura do sujeito.

O sujeito ao envelhecer passa por transformações fisiológicas que o colocam em uma situação que o impossibilita de negar a sua idade. Os cabelos acabam por embranquecer, além de ficarem cada vez mais raros. A pele, antes jovem com aparência lisa, já não possui mais a mesma elasticidade e passa a enrugar. Os dentes caem. Nas pálpebras, nota-se um engrossamento na parte superior formando-se uma espécie de papo sobre os olhos. O lóbulo da orelha aumenta. O esqueleto começa modificar-se, notando-se que a largura dos ombros começa a reduzir e a bacia, a aumentar. Os músculos passam a atrofiar-se e as articulações a esclerosar-se dificultando a locomoção.

O coração, que é um órgão de extrema importância no organismo humano, não tem muitas modificações, mas o seu funcionamento também se altera, como diz Beauvoir (1990) “o sujeito deve reduzir suas atividades para poder poupá-lo”. O cérebro fica mais lento e o consumo de oxigênio nele fica defasado. A circulação sanguínea passa a ser exercida com mais lentidão, provocando, assim, mais propensão ao aumento da pressão arterial, causando a hipertensão. O velho sente

dificuldade de acomodar-se e os órgãos dos sentidos passam a sofrer alterações, podendo chegar até a surdez pela diminuição da audição.

Além destes processos fisiológicos, o envelhecimento carrega consigo alguns outros processos psicológicos, já mencionados por Alfredo Jerusalinsky como Neuroses, ou traumas do envelhecimento.

Conforme Jerusalinsky (1996), perder os pais coloca o sujeito numa posição psíquica compatível com a velhice, porque a lógica da elaboração do luto o obriga a uma identificação com os pais perdidos. Ainda, segundo o autor, percebe-se certo “envelhecimento” do sujeito psíquico, pela negociação constante com a morte e pela identificação com um corpo deteriorado. O sujeito percebe que seus pais já partiram e pela sequência lógica da vida, o próximo a partir será ele.

Um segundo trauma do envelhecimento é a constatação do definitivo, pois o tempo que o sujeito tem, para mudar a sua estrutura psíquica é limitado. Sendo assim, nas palavras de Jerusalinsky (1996):

No que diz respeito às inscrições fundamentais que modelam seu funcionamento mental, o que os psicanalistas chamemos de fantasma, o tempo de suas possíveis mudanças se esgota com a puberdade. Já no que se refere aos sintomas que constituem as soluções que o sujeito encontrou para os seus conflitos de infância, eles se consolidam com o fim da adolescência. É a partir de então que, lentamente, começa se instalar a experiência psíquica do definitivo, ou seja, daquilo que não poderá mais mudar. Mas o contato com esta formação psíquica inconsciente, a percepção do estado do sujeito como “definitivo”, é longamente resistida porque o sujeito almeja permanecer num estado de escolha autônoma constante (p.2).

Por isso que o sujeito, na velhice, tende a resistir ao definitivo, que, segundo o autor, quando a repetição já aconteceu em tal grau de insistência, deixa o sujeito desarmado para negar a constância de seu fantasma e de seus sintomas.

A diminuição da potência sexual é outro trauma implicado no processo de envelhecer. Nos homens, a ereção acontece com menos frequência que na sua juventude, podendo ser duas ou três vezes mais lenta. Com o avanço da idade, a ejaculação e a ereção vão diminuindo até desaparecer e como diz Beauvoir (1996), “mas a impotência não acarretará sempre a extinção da libido”. Nas mulheres ocorre

a menopausa, que o coloca em uma posição de “impotência reprodutiva”. Para algumas mulheres, a menopausa pode ser “a vivência da perda fálica (queda das insígnias da sedução)” (MUCIDA, 2014 p.161) e para outras pode representar certo alívio, como traz a autora, para assim poderem viver a sexualidade sem o fantasma da maternidade.

O termo climatério, que compreende o período de transição da fase procriativa para a não procriativa, e a expressão miséria fisiológica são motivos que levam os velhos para uma internação asilar. Para Jerusalinsky (1996, p.3) esses termos “aludem ao debilitamento daquilo que, no corpo, simboliza uma certa consistência fálica”. O autor traz duas possibilidades de elaboração para este trauma. Uma que vai do humor à vergonha e outro que se encontra entre a hipomania (“síndrome do velho tarado”) e a melancolia.

Ainda, sobre os mesmos termos, Angela Mucida (2014) coloca que eles não vêm sozinhos. Deles advém a perda de poder, patologias e declínios, sendo a menopausa também associada à perda de libido, perante a associação da possibilidade entre ovulação e libido. São dois momentos propícios a angústias e à depressão.

É difícil aceitarmos que o velho tem sexualidade e que faz sexo, por conta da precariedade de seu corpo. Na atualidade nos deparamos com os parâmetros de corpo ideal como os dos artistas “Gisele Bundchen ou Brad Pitt”, corpos jovens, duros, viris como se só esses parâmetros pudessem ser dotados de sexualidade e desejáveis pelos outros. A falha da mídia em reforçar o ideal da beleza faz com que o idoso deturpe sua imagem corporal e passe a negar sua relação com o próprio corpo. “O que poderia ser fonte de prazer acaba sendo algo negado e, no pior dos casos, odiado – a falência de sua relação com o próprio corpo implica em dor e morte” (HERMANN, 2013, p.7).

Freud, em 1905, desestruturou a representação social da época ao lançar o seu escrito “Os três ensaios sobre a sexualidade”, pois acreditava-se que a criança não tinha o mínimo de sexualidade, despertando somente a maturação biológica, na puberdade. A criança, então, possui no corpo zonas erógenas que são naturalmente

fontes de prazer e outras, que se tornam fontes de prazer. Além disso, segundo Hermann (2013, p. 7), “as vivências sexuais infantis permaneceriam intactas no psiquismo, determinantes do que virá a seguir, a partir da puberdade”. Sendo assim, o sexual não está só no genital.

Buscando saídas para o idoso, a psicanálise ensina que o sujeito deve, nas palavras de Mauricio Hermann (2013):

Resgatar o que lhe produz prazer, explorar esse universo, suas tonalidades e cores, de modo a tentar resgatar um sentido à vida, religar sua libido à exploração do próprio corpo, meio flácido, meio mole, mas que pulsa e pulsará enquanto houver vida (p 7).

No capítulo anterior, abordou-se o envelhecimento na contemporaneidade, onde o sujeito perde o seu lugar para um outro, principalmente no que vem a se tratar de trabalho, fracassando muitas vezes por complexo de inferioridade. Alfredo Jerusalinsky se refere a esse trauma como “os protagonistas são outros”. Esse impasse do processo do envelhecimento é de simples compreensão, pois podemos pensar que o sujeito passa a presenciar os seus filhos sendo pais, encarregados de educar e formar os homens da nova geração, comprovando que os seus pais já concluíram seu papel nesse ponto. Como refere o autor,

É uma nova geração que passa a ocupar o centro da cena. Essa cena da qual, vagarosamente os mais velhos vão saindo, para não suportar as consequências devastadoras- dum esvaziamento do valor narcísico de sua imagem. É neste impasse que o sujeito se refugia- se atina a fazê-lo – nos melhores símbolos de sua vida, na sua obra-prima, no resgate moral da tradição que transmitiu, numa certa regressão aos princípios, crenças e religiões que o orientam. São, estas, formas restitutivas no simbólico, do valor perdido de sua imagem no espelho social; porque o tempo real o empurrou para “fora do filme” (JERUSALINSKY, 1996, p.3).

Além de sofrer com as perdas já mencionadas, o sujeito, ao envelhecer, passa por um processo de encarar o “futuro mínimo” que ainda lhe resta, de vida. Jerusalinsky (1996) busca uma explicação citando o enlaçamento da paixão entre os avós e netos.

Como acontece na infância – disto resultam as coincidências entre velhos e crianças – o fantasma fundamental está no futuro, mas, agora, como futuro restringido a uma expressão mínima. Por isso se torna imperioso achar quem possa entender esse tempo numa continuidade simbólica. Este é o ponto nodal que enlaça netos e avós numa paixão que tenta ser sem limite.

Precisamente porque é no rompimento do limite – o que separa a vida da morte – que se encontra o fundamento dessa relação (JERUSALINSKY, 1996, p.4).

Na velhice, o sujeito não tem muitas opções ao se tratar de criar expectativas quanto ao seu futuro e o que fazer dele. Restam-lhes poucos anos de vida. Os planos devem ser breves e com menos prolongamentos possíveis.

O contato com a morte fica muito presente na vida do sujeito que envelhece. Perder o seu cônjuge já lhe concede uma preocupação de que a vida está acabando. Outras perdas de pessoas próximas também passam a acontecer com mais frequências, demandando uma elaboração do luto. A perda dos pares, desaparecimento da pessoa com quem se tinha uma relação simétrica, provoca a extinção de fragmentos extensos da rede de significações com as quais o sujeito se representava no discurso social. Ou seja, morreu quem era capaz de escutá-lo e quem o escuta hoje não consegue compreendê-lo.

Após certa idade, para muitos, fica difícil reinventar a vida, quando muitos laços sociais já estão desfeitos. Para buscar resgatar o que se perdeu, muitos idosos buscam regredir a um estado anterior, mesmo que essa regressão tende a fracassar, pois reenvia à fixação fantasmática. Mucida (2014) também coloca como saída, o trabalho do luto, pois “implica um mínimo da presença de Outro e de recursos simbólicos pelos quais o idoso possa simbolizar as perdas, pois além dos lutos de objetos perdidos, existem os lutos que cada um deve fazer de si mesmo”.

Ainda a autora coloca que o ódio pode chegar como um primeiro tratamento ao insuportável, pois antes do sentimento do amor, chega o ódio, reaparecendo cada vez que o eu se sente ameaçado.

Segundo Mannoni (1995 p. 31) “na idade avançada, o ódio pode assim, advir como proteção do sujeito ante sua morte, pode mesmo adquirir um caráter erótico e tornar-se o suporte da continuidade de uma relação de amor”.

Alguns idosos recorrem, ainda, para além do ódio, às queixas e lamentações e com isso provocam um impedimento às novas inscrições de desejo dificultando o trabalho de luto.

A velhice, para alguns autores, é a fase a qual mais se atribui aspectos negativos. As perdas corporais, financeiras, separações familiares e a perda dos amigos fazem com que o luto tenha grande impacto na vida psíquica dos sujeitos. A elaboração do luto, neste processo, precisa ser constante, para que o sujeito consiga uma melhor sobrevivência.

O processo de degradação do corpo afeta ambos os sexos, homens ou mulheres, mas especialmente as mulheres, por usarem o corpo como representação na vida amorosa, então o aparecimento de signos de deterioração podem significar uma ameaça de retorno à solidão. Certo de que os procedimentos cirúrgicos e a maquiagem conseguirão esconder este fetiche, que é um jogo de exibição-ocultamento, provocando o olhar do outro, mas isso não se dará eternamente. Na medida em que a maquiagem não ocultar mais os traços, poderá retornar como uma catástrofe, para o sujeito.

Já o homem tem algumas vantagens nessa denegação, uma vez que prometeu algo que não tinha: o falo, então acostumou por oferecer substitutos (prestígio, sabedoria, fortuna, poder, etc.), dessa forma, ele pode exibir a experiência e suficiência como signos do envelhecimento. Porém, com o seu corpo físico em declínio, fica explícito que sua promessa possa não ser cumprida. Nas palavras de Jerusalinsky (1996), “esse é o ponto crítico onde a cena pode se tornar ou bem ridícula (a infantilização na “hora da verdade”) ou trágica (o infarto como consequência de reclamar ao corpo o que ele já não pode dar)”.

Norberto Bobbio (1997), em sua obra “O tempo da memória” escreve sobre a lentidão que, no velho, caracteriza sua vida distinguindo a velhice da juventude e também da maturidade. Os movimentos das mãos e dos dedos são mais lentos e os passos são mais demorados.

Há várias formas de lentidão que são impostas pelas circunstâncias, mas a do velho é penosa. Enquanto os outros avançam, sua lentidão não lhe permite que acompanhe, então, fica pra trás. “O velho pára. Senta-se a um banco para descansar. Os que estavam atrás o alcançam e ultrapassam. Ele gostaria de

apressar o passo, mas não pode” (BOBBIO, 1997 p.47). Quando ele fala, as pessoas que ouvem procuram respeitá-lo, mas são um pouco impacientes.

As ideias que lhe vêm em mente são sempre as mesmas, além de demorarem a surgir. A memória já degradada faz com que o velho fique repetitivo. Não há lembranças de suas falas ou escritas, mesmo quando foram ditas ou escritas recentemente.

Nas palavras do autor, um relato da realidade do estado da memória dos velhos:

O poço da memória, em uma idade como a minha, está enfim tão escavado que já não consigo chegar ao seu fundo, até porque a luz que o ilumina está cada vez mais fraca. Para reconstruir ainda que apenas um fragmento da vida passada, de um acontecimento que adoraria contar, de uma conversa que um dia me entusiasmou, de uma leitura que me esclareceu é preciso um paciente trabalho de reconstrução de pequenos traços de memória que aparecem e desaparecem, como sobressaltos na escuridão. É uma operação lentíssima, da qual, no fim, não podem mais ser encontradas. Já não conseguimos lembrar aquele nome que nos era tão familiar. Já não conseguimos repetir nem mesmo aproximadamente aquela conversa. Quem estava presente naquele dia? Que dia era? (BOBBIO, 1997 p.48).

Para o velho, associar ideias novas, é como se fôssemos querer entrar em uma sala superlotada, sem lugares disponíveis.

Os processos científicos e tecnológicos fazem com que as transformações fiquem aceleradas, não permitindo ao velho acompanhá-las com sucesso, O novo logo fica velho. Se quisessem manter-se atualizados, precisariam de uma memória superior à sua antiga, porém, a sua está cada vez mais deteriorada.

“Enquanto o ritmo da vida do velho fica cada vez mais lento, o tempo que tem pela frente fica dia a dia mais curto” (BOBBIO, 1997, p.49).

Além de todos esses traumas, o sujeito idoso ainda terá que encarar a proximidade com a morte. Primeiramente, a morte de seus amigos, irmãos, familiares e assim, num processo inconsciente irá estar se deparando com a sua morte. Para que haja a elaboração, o sujeito tem uma espécie de diálogo com ela,

que se personifica para que possa “negociar” com ela, ou simplesmente, para não ser tomado de surpresa.

A velhice está, portanto, situada em um emaranhado de processos psíquicos, os quais devem ser desenvolvidos pelo sujeito ao longo de sua vida. As perdas que estão acompanhando o sujeito neste período podem tornar a vida dificultosa, triste, angustiante, melancólica ou ainda, com sintomas depressivos.

Uma saída para o enfrentamento desses processos que constituem o sujeito no decorrer da sua vida é a elaboração do luto dessas perdas e mudanças radicais. Freud (1915-1917) escreve sobre a distinção de luto e melancolia em seu texto “Luto e Melancolia”. Segundo ele: “o luto, de modo geral, é a reação à perda de um ente querido, a perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido, como o país, a liberdade ou o ideal de alguém, e assim por diante” (FREUD, 1915, p.249).

O luto desse processo psíquico, o qual os idosos precisam elaborar ao envelhecer, não é considerado uma patologia e, na maioria das vezes, não será necessário submetê-los a um tratamento especializado. É esperado que fosse superado aos poucos e na medida em que for sofrendo com as demais perdas, novamente o trabalho de luto seja necessário.

O luto é um processo necessário para a constituição da subjetividade e a melancolia passa a ser uma conotação patológica, exigindo uma predisposição estrutural. Freud (1915) descreve as características melancólicas como desânimo profundo, perda da capacidade de amar, cessação de interesses pelo mundo, diminuição da autoestima, auto - recriminação, auto - punição e inibição das atividades.

Para Barbieri (2013, p. 86), “o sofrimento envolvido no luto pode ser insuportável, de tal forma que o sujeito se encaminha para um desligamento e um desinvestimento das coisas, do mundo, das pessoas e de si mesmo”.

Freud refere-se ao luto como uma perda, e ao perder algo, o sujeito precisa “velar” esta perda por algum tempo, até que ele possa elaborá-la. Quando perde-se

algo, perde-se o objeto amado e é preciso que se retire toda a libido que estava interligada com aquele objeto. Essa retirada da libido não é um processo fácil de ser realizado, pois as pessoas nunca abandonam algo que gostam, ou seja, uma posição libidinal, nem mesmo quando há um possível substituto para o objeto. Para poder elaborar esse luto, aos poucos se vai retirando a energia catexial, podendo prolongar psicologicamente a existência do objeto perdido. Conforme Freud (1915), “cada uma das lembranças e expectativas isoladas através das quais a libido está vinculada ao objeto é evocada e hipercatexizada, e o desligamento da libido se realiza em relação a cada uma delas”, portanto, essa retirada pode ser penosa e demorada. Depois que esse trabalho está devidamente realizado, o ego fica livre e desinibido, podendo destinar as catexias libidinais a outro objeto.

Portanto, segundo Mannoni (1995, p.21), “os lutos feitos sucessivamente pelas capacidades perdidas têm que se acompanhar de possibilidades de outros tipos de estímulos e da permanente reinvenção de si com o outro”.

Assim sendo, os processos psíquicos pelos quais precisamos passar, ao envelhecer, demandam de uma elaboração de luto pelas perdas narcísicas, ou seja, daquilo que constitui nosso “eu”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As pesquisas realizadas sobre o envelhecimento e seus processos psíquicos me levaram a considerar o envelhecimento como um processo importantíssimo de ser estudado, pois ao decorrer das nossas vidas, ele nos acompanhará.

Com o primeiro capítulo deste trabalho, pode-se entender o porquê de nossa cultura passar a realizar tantos ritos perante a morte, ou então ter certos costumes com seus idosos. Além do que, é claro, foi possível amplificar o conhecimento acerca do envelhecimento na contemporaneidade, onde os velhos sofrem por estarem lentos e não poderem acompanhar o ritmo da vida da modernidade. Tome-se o exemplo dos aparelhos celulares: logo após adquirirmos o aparelho, surge um mais moderno, mais novo e aquele que temos torna-se velho e não mais adequado.

O envelhecimento acontece de forma rápida e as doenças começam aparecer na mesma velocidade. A imagem corporal passa à decrepitude e as perdas passam a ser constantes.

Referindo-se ao segundo capítulo, as perdas que o sujeito tem, ao envelhecer, podem ser chamadas de traumas, pois causam sofrimento e demandam um trabalho psíquico. A perda dos pares, o contato com a morte, a modificação da sexualidade, a lentidão e demais modificações corporais caracterizam a velhice e podem limitar a vida do idoso. Para que isso não ocorra, ele precisa estar em constante elaboração de luto.

Os processos psíquicos que o sujeito sofre ao envelhecer podem acarretar sofrimento, angústias, estresses, tristeza. Portanto, o idoso precisa elaborar suas perdas de forma simbólica. Sendo assim, o trabalho de luto acompanha o envelhecimento lado a lado. O sujeito precisa resgatar o que lhe causa prazer e se

deslocar objetivamente para isso, na esperança de retirar a libido do que foi perdido e destiná-la a outro objeto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBIERI, Natália Alves. **Escuta e criação de projetos: observações sobre a clínica do acompanhamento terapêutico e o envelhecimento**. In: BARBIERI, Natália Alves & BAPTISTA, Carolina Guimarães (organizadoras). **Travessias do Tempo: acompanhamento terapêutico e envelhecimento**. São Paulo. Casa do Psicólogo, 2013.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. Tradução de Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BOBBIO, Norberto. **O tempo da memória: de senectute e outros escritos autobiográficos**. Editora Campus. 3ª Reimpressão. Rio de Janeiro, 1997.

FREUD, Sigmund. **Luto e melancolia**. Volume XIV. 1915-1917.

HERMANN, Maurício Cartejón. **Prefácio ou o desbravar novos territórios**. In: BARBIERI, Natália Alves & BAPTISTA, Carolina Guimarães (organizadoras). **Travessias do Tempo: acompanhamento terapêutico e envelhecimento**. São Paulo. Casa do Psicólogo, 2013.

HERVY, Marie-Pierre. **Le vieillissement: de qui est-ce l'affaire?** In: Le vieillissement. 2001 p.24 apud MUCIDA, Angela. **O sujeito não envelhece**. Psicanálise e velhice. 2ª edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

JERUSALINSKY, Alfredo. **Psicologia do Envelhecimento**. Correio da APPOA, número 42, Dezembro de 1996.

MANNONNI, Maud. **O nomeável e o inominável: a última palavra da vida**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

MESSINA, Mônica. **Dimensões do envelhecer na contemporaneidade**. Estados Gerais de Psicanálise: Segundo Encontro Mundial – Rio de Janeiro, 2003.

MUCIDA, Angela. **O sujeito não envelhece**. Psicanálise e velhice. 2ª edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

NERI, Anita Liberalesso; FREIRE, Sueli Aparecida (Orgs.). **E por falar em boa velhice**. Editora Papirus. 1º Edição. Campinas, 2000.

PACHECO, J. L. (2005). **Sobre a aposentadoria e envelhecimento**. In J. L. Pacheco, J. L. M. Sá, L. Py & S. N. Goldman (Orgs.), *Tempo rio que arrebatata* (p.59-73). Holambra: Setembro.